

## A CRÔNICA de Rubem Braga

### A MUDANÇA

A FINAL estávamos todos errados, e com razão: nem a capital mudou, nem deixou de mudar. Para falar com franqueza, eu acho que nem mesmo o Presidente Juscelino mudou; ainda teremos o prazer de vê-lo aqui no Rio, e a prova é que ele não desmanchou sua casa em Laranjeiras. Deixou o Catete, é verdade; mas também é verdade que sempre aborreceu o velho palácio, que lhe parecia (e é) azarento, e que freqüentou pouquíssimo. Mas vocês vão ver que agora mesmo, quando acabarem as festas e chegar a hora de ir para casa e tirar a casaca, ele virá para Laranjeiras.

Brasília ainda não chega a ser uma capital, e já será um pouco mais que uma cúpula; ainda não é uma cidade e já é algo mais que um acampamento; o Governo ainda não mora ali: acantonou.

Alguns repórteres estão caçoando muito dos deputados que protestaram por falta de móveis no apartamento ou mesmo de apartamento; acham pouco patriótica essa exigência de conforto, enquanto o candango, o homem rude, construtor de Brasília etc., etc.

Acho que os deputados que se queixam têm razão. Não havia, afinal de contas, nenhum motivo sagrado para a mudança ser feita a 21 de abril; por que não se adiou a festa, vamos dizer, para 7 de setembro? Por que exigir fraque ou casaca em festa ainda cercada de poeira ou lama? Quantos quilos dessa poeira não se juntaram nos altos penteados das altas senhoras em vestido de baile? Não pode haver muita dignidade onde há tanta afobação; e tudo correu num atropelo ignóbil e sem causa, entre o solene e o ridículo, o pomposo e o cafajuste.

Quanto ao candango, esse, coitado, nada tem a ver com Brasília. Se a cidade já estivesse realmente construída, a sua marcha triunfal seria marcha da despedida. Porque, uma vez acabada, Brasília não terá lugar para ele. Talvez por isso cuidem de lhe erguer um monumento: só em efígie ele poderá ficar. Porque o candango não é, meu Deus do céu, uma invenção de Brasília. É a coisa mais antiga que há no Brasil: é o homem da terra que não tem terra, é o trabalhador braçal que vai aonde lhe pagam mais, fugindo à própria miséria. E ele continuará assim, erguendo cidades, derrubando matas, formando cafézais e montando usinas, abrindo estradas e acampando em favelas. Ele é o pária, o homem do campo, o braçal ambulante, o eterno mendigo de trabalho, o sombrio construtor de riquezas que na hora de morrer muitas vezes implora em vão o mais sórdido leito de um hospital qualquer... Não, o pobre candango não é uma invenção de Brasília: ele é, coitado, o próprio retrato do Brasil.